



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

21 e 22 de dezembro de 2019

AN Revista (21 a 27/12) Jefferson Saavedra

“Vamos terminar a obra do Mathias no nosso governo”

‘Vamos terminar a obra do Mathias no nosso governo’ / Udo Döhler /
Prefeito de Joinville / Parceria / UFSC



JEFFERSON SAAVEDRA

jefferson.saavedra@somosnsc.com.br
(47) 3419-2146
nscotal.com.br/colunistas/saavedra



UDO DÖHLER Prefeito de Joinville

“VAMOS TERMINAR A OBRA DO MATHIAS NO NOSSO GOVERNO”

Udo Döhler aborda temas administrativos e políticos, inclusive o “legado” dos mandatos, e fala da relação com o governo Moisés. Nestas páginas, os principais trechos da entrevista concedida à coluna. Você confere mais detalhes em nscotal.com.br

Joinville não continua precisando de mais recursos para a manutenção das ruas?

Udo Döhler – Só o tapa-buraco não é solução. Nós temos ruas que foram mal pavimentadas ou porque o tempo as consumiu. A Helmut Fallgater, a Albano Schmidt, a Quinze na Vila Nova, a Santa Catarina, todas serão pavimentadas. Tem todo o dia equipes tapando buracos (nessas ruas).

Então o dinheiro para o tapa-buraco é suficiente? O que atrasou foi o recape?

Udo – Exatamente. Mas não é que o recape atrasou. Aí tínhamos que reconstruir nossa capacidade de pagamento, a capacidade de endividamento já se tinha. Assim que tivemos isso ajustado, buscamos os R\$ 61 milhões no Banco do Brasil e apanhamos mais R\$ 100 milhões. Vamos ter canteiro de obras. Se a drenagem do Mathias já nos trouxe desconforto, esse desconforto vai ficar pelo ano inteiro porque a pavimentação vai passar por aí, não dá para pavimentar uma rua neste mês e outra rua no mês seguinte.

Não se vê um avanço tão significativo que mostre que as obras do rio Mathias vão ser concluídas em 2020. Vão mesmo terminar ano que vem (a conclusão devia ter ocorrido em 2016)?

Udo – Vão. Essas obras chegaram a parar, as empreiteiras estavam em situação muito difícil. A fiscalização tem sido rigorosa, o MP e o Tribunal de Contas nos ajudaram e as obras estão em ritmo bem mais acelerado. Foram tapados os buracos que estavam incomodando na Beira-Rio, a Jerônimo Coelho e a Jacob serão concluídas. Essa obra será terminada. E como recuperamos nossa capacidade financeira, nós estamos antecipando recursos para as obras do Mathias, depois somos ressarcidos pelo governo. Vamos terminar a obra do Mathias no nosso governo.

O senhor não visita essa obra?



Não é que o recape atrasou. Aí tínhamos que reconstruir nossa capacidade de pagamento, a capacidade de endividamento já se tinha. Assim que tivemos isso ajustado, buscamos os R\$ 61 milhões no Banco do Brasil e apanhamos mais R\$ 100 milhões. Vamos ter canteiro de obras.

Udo – Visito.

E a ponte do Adhemar Garcia? Mais um ano que a obra está encaminhada, como estava no ano passado, em anos anteriores?

Udo – Isso me obriga a fazer um histórico. Quando fui candidato em 2012, o governador Colombo assegurou R\$ 120 milhões para a ponte. Na eleição de 2016, disseram que nosso projeto era inconsistente, dissemos “manda o dinheiro para cá”, mas o recurso não veio. Mas como nós recuperamos a capacidade de pagamento, o Fonplata nos financiou US\$ 40 milhões. O projeto executivo está pronto, o licenciamento pronto, só falta a assinatura final. Depois é a licitação internacional. Não dependemos de mais nada. Claro que não vamos acabar essa obra no ano que vem, mas vamos iniciá-la.

A cobrança histórica por viadutos em Joinville foi trocada por melhorias nos acessos, principalmente da Quinze de Novembro e da Ottokar Doerffel.

Udo – Antes de falar na questão dos acessos, vamos esgotar o tema dos viadutos. Viaduto foi um fake na campanha eleitoral: “vamos encher a cidade de viadutos”. Felizmente, Joinville foi escolhida pelo instituto GIZ (agência alemã). O GIZ trabalha com a mobilidade em capitais europeias e resolveu ir para as Américas. Escolheram

Joinville e estão com a gente há um ano e meio. E disseram “esquece de viaduto, de duplicar via”, é o transporte intermodal que tem de avançar. Nesse momento, já estávamos com nosso Plano de Mobilidade pronto, o primeiro do país. Temos nosso Plano Diretor de Transporte Ativo. Infelizmente ninguém tem conhecimento disso, não sei por que não se divulga isso. Nos planos são referência para todos. Hoje somos referência. Todas as nossas soluções são técnicas, com simulação em tempo real.

Mas há necessidade de investimentos em infraestrutura. A prefeitura cobrou do Estado a duplicação do Eixo Industrial, entre a BR-101 e Distrito Industrial.

Udo – Ali é para escoar carga, por isso precisa ser duplicada. O nosso estudo de mobilidade é o mais avançado do Brasil, sem rodeio. Estamos com o Waze, com o GLZ, com uma equipe jovem lineada com isso. Temos parceria com a UFSC, vamos fazer com o Japão.

Mas e os acessos, tem proposta no seu plano de governo para viabilizar a ampliação com o governo do Estado.

Udo – Sim, só que esquece o governo do Estado. Dizem que o prefeito não bate no governador, mas o que adianta cobrar algo se não tem como pagar? Não posso perder tempo, o governo do Estado está quebrado e governador quer colocar a casa em ordem. O que fizemos em 2013? A mesma coisa, o município estava quebrado.

Mas voltando aos acessos...

Udo – Nós temos a Almirante Jaceguay, que precisa ser aberta e será um suporte para o Distrito Industrial. Temos que melhorar o acesso Sul. A entrada pela Quinze de Novembro vai passar por um repaginamento. Estamos estudando como será o acesso para atender um novo parque vertical de serviços e de habitação previsto para a região Norte.



Confira outros conteúdos em nscotal.com.br



O que nós buscamos nos dois mandatos: deixar um legado para a cidade, que é deixar a cidade preparada para o futuro.

Udo Döhler preferiu não se manifestar sobre a possibilidade de concorrer em 2022, quando ocorrerá a eleição para governador e senador, entre outros cargos

E a relação com o governo Moisés, está satisfeito?

Udo – Estou satisfeito. O governo Moisés veio com a mesma dificuldade que nós encontramos aqui em 2013. O cofre foi fechado para pagar as dívidas da saúde, as finanças ainda estão sendo saneadas, a classificação é ainda C. Daqui a pouco vai para B e consegue pegar R\$ 800 milhões no BNDES e vai investir em infraestrutura. E conseguiu resistir às pressões clientelísticas, teve dificuldades dentro do próprio partido, agora surgiu um novo partido.

Essa avaliação tão positiva não tem também a ver com acordos para 2020? Não tem nada encaminhado nesse sentido?

A cidade de Joinville está indo muito bem, tenho esse convencimento. Nós preparamos a cidade para o futuro. Não estou fugindo da pergunta, mas a cidade está preparada. Não falamos mais em gestão, porque os barulhentos aproveitam meu sotaque e ficam falando “gestión, gestión”. É o único município brasileiro que não usa mais papel. Todas as nossas informações

estão disponíveis e visíveis. Isso não existia antes. O que nós buscamos nos dois mandatos: deixar um legado para a cidade, que é deixar a cidade preparada para o futuro. Porque daqui a 20 anos, 40% das profissões de hoje vão desaparecer. Joinville é o único município brasileiro – e não sei por que a imprensa se recusa a dizer isso – a ter convênio com Cingapura de matemática e ciências. Todos os nossos professores estão lecionando no método de Cingapura em matemática e ciências.

Mas a relação com o governo do Estado, tem acordo com o PSL?

Udo – O MDB de Joinville deve buscar alianças, hoje está em uma situação boa. O presidente municipal é deputado estadual, já foi presidente da Câmara, teve uma boa votação. Hoje o MDB tem nomes para a sucessão, mas vai precisar de alianças e isso passa em conversar com o governo do Estado, que está fazendo uma gestão que está nos surpreendendo. Qual a notícia que saía todo o dia no rádio, na TV e no jornal: “O Estado está quebrado, vai fechar tudo, a saúde vai fechar”. Alguém fala agora que a

saúde está quebrada? Eram R\$ 600 milhões de dívidas e isso se reduziu a R\$ 150 milhões e vai limpar tudo nos próximos dois meses. Limpando a saúde, começa a respirar. Nesse meio tempo, conseguimos os R\$ 38 milhões para duplicar a Edgar Meister e Hans Dieter Schmidt.

Por que o senhor escolheu o deputado Kreling como candidato a prefeito?

Udo – Nós não escolhemos o Kreling, quem escolhe é o partido. Nós tínhamos vários nomes a ser considerados, se falava no Roque Mattei, Simone Schramm, Danilo Conti, o vice Coelho. Isso foi passando por um processo e hoje o MDB está consensado.

Consenso em torno de Kreling, não é?

Udo – O Kreling é um bom nome.

Mas não é o nome?

Udo – Não existe nenhuma decisão sobre isso, quem vai decidir é o partido.

Essas suas participações em reuniões estaduais do MDB são mais frequentes agora do que antes. Há planos para 2022?

Udo – Sim, estou participando mais. Mas por quê? O MDB sempre foi um partido muito agitado e com eleições muito disputadas. Hoje, o MDB está unido e forte, consolidado no município, isso não se discute. Se você olhar para o quadro que está aí, quem são os prováveis nomes? É difícil saber. Temos o partido Novo, que escolheu o Adriano Silva, o PT tem o Assis, tem o Ninfo, que não sabe se concorre a vereador ou prefeito, está tudo no ar. No MDB isso não ocorre, está pacificado.

Há planos de concorrer em 2022?

Udo – Em 2022 nós temos uma nova eleição. Não sou candidato agora (2020), estou no segundo mandato. Se o nosso candidato achar que é bom a gente ajudá-lo, vamos fazê-lo. 2022 é um novo momento, estamos muito distante de 2022.

Qual o grande desafio para o próximo prefeito? Em 2012, sua campanha dizia que era a gestão.

Udo – Essa está pronta. Tem que ter a leitura que tivemos. A cidade serve para quê? Para proporcionar o bem-estar social para as pessoas. Não é para alargar ruas, nem construir viadutos adoidado por aí. Se tivéssemos construído viadutos teríamos jogado dinheiro fora e estaríamos com o nosso hospital e postos sucateados e nossas escolas caindo aos pedaços. Então, o que cabe ao futuro gestor? Fazer com que a desigualdade diminua e para isso precisa investir fortemente nos bairros.



Se tivéssemos construído viadutos teríamos jogado dinheiro fora e estaríamos com o nosso hospital e postos sucateados e nossas escolas caindo aos pedaços.

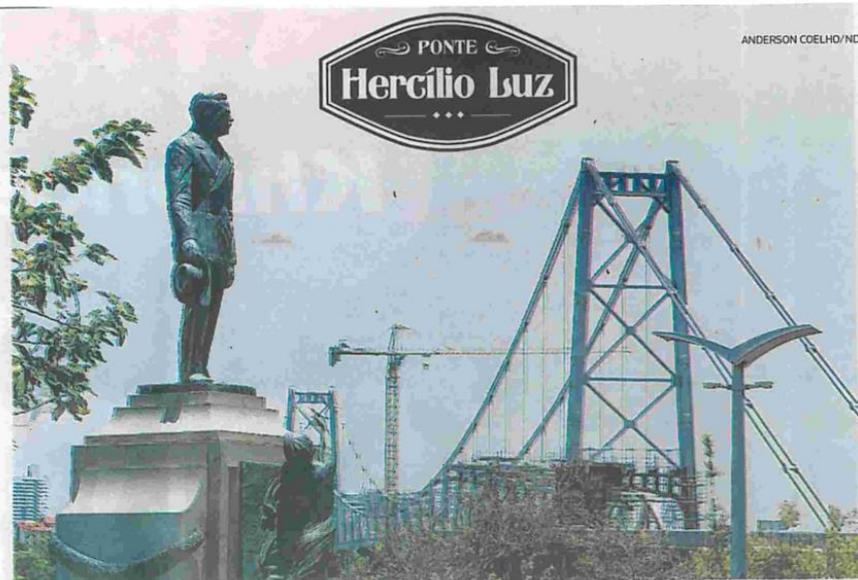
**Notícias do Dia
Capa e Cidade**

“Ponte pode virar referência mundial”

Ponte pode virar referência mundial / Unesco / Patrimônio da humanidade /
Ponte Hercílio Luz / Iphan / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico
Nacional / Luiz Galvão / Funcionário aposentado da UFSC / Consultoria /
Professores / Edison da Rosa / Pedro Bernardini / Departamento de
Engenharia Mecânica / Ex-Reitor / Caspar Erich Stemmer / Berend Snoeijer
/ Barras de olhais / Zeca Pires / Tombamento

O caminho para a Hercílio Luz virar patrimônio mundial

Ponte que já é **tombada** na cidade, no Estado
e no país passará por um **processo** para ser
reconhecida pela **Unesco**. Páginas 14 e 16



PONTE
Hercílio Luz

ANDERSON COELHO/ND

Características inovadoras, a singularidade e a representação cultural da ponte serão argumentos para o pedido no Iphan

Tombada na cidade, em SC e no país, **Hercílio Luz** passará por processo para ser reconhecida **internacionalmente** pela Unesco

Ponte pode virar referência mundial

PAULO CLÓVIS SCHMITZ
Especial para o ND

Será protocolado nos próximos dias na superintendência do Iphan-SC (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em Santa Catarina) o processo que pede o tombamento da ponte Hercílio Luz como Patrimônio da Humanidade. Tombada nos âmbitos municipal, estadual e federal, a estrutura de ferro inaugurada em 1926 está a um passo, portanto, de se tornar referência mundial – como ela já é, informalmente, graças às características construtivas inovadoras e ao fato de ser a única de seu gênero ainda intacta. Na condição de Patrimônio Mundial da Unesco, a ponte estará no mesmo patamar da cidade de Ouro Preto (MG) e dos centros históricos de Salvador (BA), Olinda (PE) e São Luís (MA), além de ícones com a Acrópole de Atenas e a Cidade do Vaticano.

A notícia é alvissareira, mas a luta para chegar até aqui

foi longa e atribulada. A já extinta Fundação Pró-Florianópolis, formada por defensores das causas da cidade, levou essa ideia ao ex-governador Paulo Afonso Vieira ainda em 1995. Na época, a iniciativa esbarrou numa barreira intransponível: o tombamento só poderia ocorrer depois que a ponte fosse reformada. A preocupação dos adeptos do tombamento fazia sentido, porque naquele ano surgiu a proposta de um plebiscito para decidir se a velha estrutura deveria ser derrubada ou não. Já era um reflexo da demora na restauração e de críticas a gastos excessivos em projetos que nunca se transformavam em obras de verdade.

CULTURA

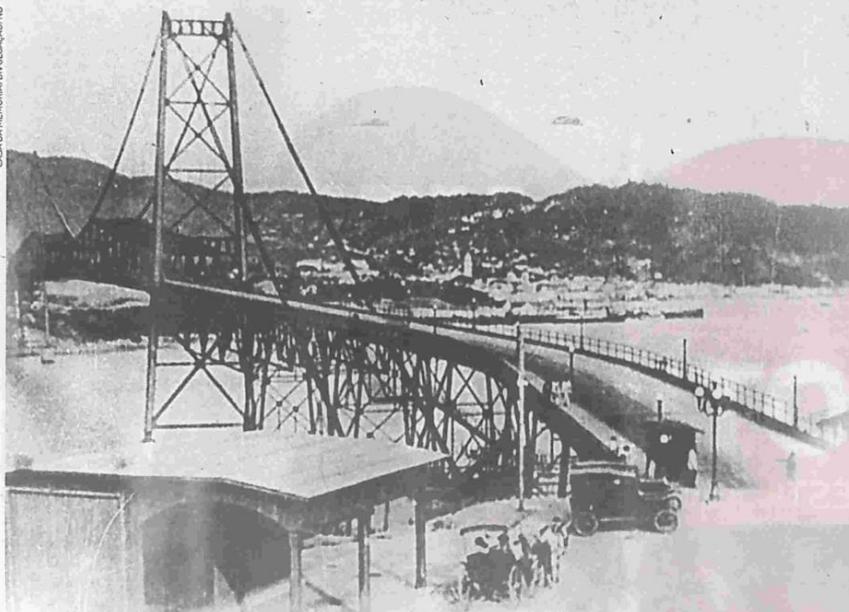
Em recente reunião no Iphan-SC ficou definido com a superintendente do órgão, Liliane Janine Nizzola, que o processo seria encabeçado por instituições e pessoas de comprovada afinidade com a

cultura e o patrimônio de Florianópolis e com o objeto em questão, a ponte Hercílio Luz. No Brasil, além dos casos já citados, o Instituto tem o histórico de haver tombado como Patrimônio Mundial locais e monumentos como o conjunto arquitetônico da Pampulha, em Belo Horizonte, o Plano Piloto de Brasília e as missões jesuítas guarani no Rio Grande do Sul. E há exemplares na área do patrimônio natural, como o Pantanal e o Parque Nacional do Iguaçu.

O termo “singularidade” é o que mais deve pesar na avaliação técnica do Iphan nacional e da Unesco, convalidando o tombamento e dando status de atração mundial a um monumento que ficou quase três décadas interdito, após o fechamento definitivo para o tráfego, em 1991. “Arranjei algumas inimizadas por causa da campanha”, admite Luiz Galvão, funcionário aposentado da UFSC que desfilada esta e outras bandeiras caras à Capital.

➤ Leia mais na
PÁGINA 16

CASA DA MEMÓRIA/INVULGAÇÃO/ND



Não há ponte igual no mundo

Na argumentação em defesa do tombamento da ponte como Patrimônio Mundial está sendo usado o parecer do engenheiro e historiador de arte Marcus Tadeu Daniel Ribeiro feito em 1991 para fundamentar o processo de tombamento nacional do monumento. Trata-se de um documento muito bem elaborado, com um histórico da ponte desde os preparativos para a contratação da obra, no final da década de 1910, até a interdição de 28 anos atrás.

Também foram anexados, entre outros itens, depoimentos incluídos no documentário "Ponte Hercílio Luz - Patrimônio da Humanidade", de Zeca Pires (1996), e um ofício do professor Hermes Carvalho, do Departamento de Engenharia da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), atestando ser a Hercílio Luz a única ponte do mundo neste sistema de engenharia.

Em seu parecer, Marcus Tadeu Ribeiro cita as particularidades que tornaram a ponte um exemplar único e merecedor, por isso, de tombamento. Entre inúmeros detalhes técnicos, ele fala de inovações que deram maior estabilidade e rigidez à

estrutura, diferentemente de outras pontes pênseis espalhadas pelo mundo. O sistema de treliças utilizado reduziu a pressão sobre as torres e conferiu à travessia grande funcionalidade e uma estética peculiar. "A ponte Hercílio Luz apresenta motivadores históricos e tecnológicos que fazem deste bem um notável testemunho da história da engenharia civil no Brasil e no mundo, justificando seu tombamento", diz o documento.

Os professores Edison da Rosa e Pedro Bernardini, do departamento de Engenharia Mecânica da UFSC, alinham-se entre os que defendem o tombamento por causa das características estruturais únicas da ponte. "Além da concepção inovadora, ela teve um papel importante no desenvolvimento da Ilha de Santa Catarina", afirma Bernardini. As pontes similares que caíram, nos Estados Unidos, enfrentaram condições menos drásticas e tiveram vida curta, o que reforça a importância da Hercílio Luz e o pleito do grupo que defende o seu quarto tombamento (**Paulo Clóvis Schmitz**).

Luta de figuras conhecidas

O grupo que defendia a conservação da ponte, liderado por Luiz Galvão, sempre cobrou celeridade nos projetos de reforma, mas esbarrava na indiferença e na crença de que o monumento estava condenado. Na década de 1990, eles chegaram a colocar um coração pulsante na ponte, iluminando a noite da cidade, e foram criticados. Entre 1996 e 2012 foram realizados quatro seminários para discutir a situação da ponte, sem progressos significativos.

Ao lado do cineasta Zeca Pires, de José Ruiz (que por 38 anos coordenou os serviços de manutenção da ponte), de Wenceslau Dotallevy (engenheiro fiscal da reforma) e de outras figuras da cidade, Galvão está otimista, mesmo admitindo que o processo na Unesco deva levar até cinco anos para ser concluído. Desde o início, a **Universidade Federal** está junto nesse processo, assim como esteve na consultoria em diferentes etapas dos trabalhos que resultaram na recuperação definitiva da ponte.



ANDRESON/CORBIS/ND

Durante décadas, grupos locais lutam para valorizar a ponte Hercílio Luz, que será reaberta para tráfego no próximo dia 30

População poderá contribuir com abaixo-assinado

Luiz Galvão faz questão de atribuir os devidos créditos a pessoas que foram fundamentais para garantir que a ponte Hercílio Luz não fosse abandonada à própria sorte. Na **UFSC**, cita o ex-reitor Caspar Erich Stemmer e os professores Berend Snoeijer e Edison da Rosa, que fizeram o acompanhamento permanente do olhar rompido e elaboraram o pré-projeto de restauração para a licitação internacional. Os ex-senadores Vilson Kleinübing e Esperidião Amin buscaram recursos junto ao Banco Mundial (BID) para a elaboração do projeto de restauração, fundamental para arrefecer a ideia do plebiscito pela derrubada da ponte.

Na Câmara de Vereadores, Galvão cita Jaime Tonello, que lançou o movimento

"SOS Ponte Hercílio Luz", e não esquece o trabalho de cidadãos anônimos em defesa da restauração, como Paulo Ricardo Caminha, Zeca Pires, Zeno Vieira, Paulo Abraham, Ari Oliveira, Jorge Lima, Sérgio da Costa Ramos, Ricardo Martinelli e Ari Maravilha.

Um abaixo-assinado deverá ser colocado em local de grande afluência de público para que a comunidade se manifeste acerca do tombamento, informa o cineasta Zeca Pires. É importante ressaltar que o tombamento como Patrimônio Mundial leva em conta também a delimitação de uma área do entorno, atendendo aos critérios de visibilidade necessários para a integração do monumento à paisagem local.

A ponte Hercílio Luz apresenta motivadores históricos e tecnológicos que fazem deste bem um notável testemunho da história da engenharia civil no Brasil e no mundo, justificando seu tombamento".

Trecho do documento de 1991 que permitiu o tombamento nacional da ponte Hercílio Luz

Notícias do Dia
Capa e Especial
“O avanço das águas”

O avanço das águas / Alagamentos / Conferência sobre Mudanças Climáticas da Organização das Nações Unidas / COP25 / Estudo / ONG Climate Central / Regina Rodrigues / Professora e Oceanógrafa / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina



CAROLINE BORGES
caroline.borges@ndmais.com.br

Aos 82 anos, Valmor Olegário Climis ainda guarda na memória a primavera de 1961. Viu as fortes chuvas alimentarem a força do rio Tijucas, que arrastou tudo pela frente em fúria incontida: casas, vilas, animais, pessoas. Quando a água chegou ao município que dá nome ao rio, "toda a cidade ficou no fundo, inundada. Foi uma coisa de louco". Seis pessoas morreram.

A relação com as águas sempre fez parte da realidade em Santa Catarina. E em 2050 pelo menos 22 cidades do Estado podem ser afetadas pela elevação do mar.

O prognóstico faz parte de um estudo citado na Conferência sobre Mudanças Climáticas da Organização das Nações Unidas – a COP25 –, que ocorreu neste mês em Madri, na Espanha. O evento reuniu especialistas e representantes de quase 200 países para discutir os desafios sobre os impactos das mudanças climáticas no mundo.

O estudo da ONG Climate Central foi divulgado pela revista científica Nature Communications, no final de outubro. A projeção foi feita com o cruzamento de pesquisas sobre impactos das alterações no clima com um sistema de mapeamento de alta resolução, que integra dados de batimetria (medição da profundidade dos oceanos) e topografia (características presentes na superfície de um território).

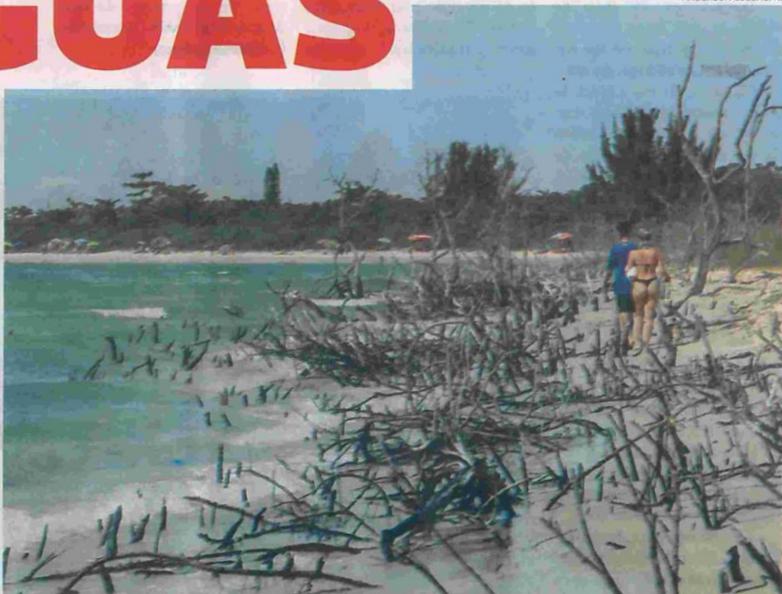
Formada por cientistas e pesquisadores de vários países, a organização afirma que, até 2100, a maré irá subir entre 0,6 centímetros a 2,1 metros – "engolindo" cidades costeiras.

A projeção é de que 300 milhões de pessoas em todo o mundo podem ser afetadas com os impactos das inundações. No Brasil, a população em risco soma 1 milhão de cidadãos. Estes números, no entanto, não levam em conta projetos de contingência das marés já em andamento – ou futuramente implementados –, que podem reduzir os estragos.

➤ **Leia mais na PÁGINA 4**

Novo estudo sobre impactos climáticos prevê inundações em cidades de todo o mundo. Em Santa Catarina, rodovias, portos e bairros inteiros estão no curso da elevação do mar e ao menos 22 cidades podem ser afetadas pela mudança

O avanço das ÁGUAS



ANDERSON COELHO/ND

Em Florianópolis, a praia da Daniela, Norte da Ilha, é um dos locais que podem sofrer com a elevação do nível do mar

Projeção de como será em 2050

Na reportagem, o ND explorou o território catarinense em uma projeção do ano de 2050, sob o cenário de "poluição moderada", que consiste em um aumento gradual da temperatura da Terra em até 2°C, até o final do século. O índice é 0,5°C acima do que foi estipulado durante o Acordo de Paris, quando 200 países se comprometeram em reduzir a emissão de gases do efeito estufa – substâncias como dióxido de carbono (CO2) e metano (CH4).

A pesquisa disponibiliza um mapa interativo, em que é possível navegar por todos os países do Globo. Com a ajuda de filtros, pode-se escolher o cenário desejado para a projeção, incluindo o ano futuro e o contexto de poluição que vive o Planeta. Neste contexto, daqui a 30 anos

os municípios com mais riscos de serem atingidos em Santa Catarina são: Joinville e São Francisco do Sul (Norte), Itajaí, Navegantes e Balneário Camboriú (Vale), Tijucas (Grande Florianópolis), Tubarão e Jaguaruna (Sul).

Em Florianópolis, as localidades mais afetadas – porém em dimensão menor em comparação aos outros municípios do Estado – são Daniela, Ribeirão da Ilha, Ponta das Canas, Praia Brava, Jurerê Tradicional, Costeira do Pirajubaé, Tapera, Solidão e Naufragados.

A Beira-Mar Norte (Avenida Jornalista Rubens de Arruda Ramos), a Via Expressa Sul (Rodovia Governador Aderbal Ramos da Silva) e a Rodovia Baldicero Filomeno, são vias que também aparecem no curso das águas.

Aquecimento da Terra

Regina Rodrigues é professora da UFSC (Universidade de Santa Catarina) e pesquisadora do tema. A especialista concorda com o estudo da Climate Central e afirma que pesquisas recentes "não deixam dúvida" de que o aquecimento da Terra é provocado pela ação humana. "Há uma urgência para mudanças", diz Regina, ao destacar que o futuro precisa ser repensado.

A professora pontua que o aumento do nível do mar também causará impactos na economia. Isso porque as inundações podem afetar toda a infraestrutura das cidades. "A questão do aumento do nível do mar ser uma ação humana já é consenso. Todas as pesquisas afirmam que não é somente um movimento

tipicamente natural, a emissão de CO2 é a principal culpada. Temos dados embasados e todos os anos aprimoramos essa perspectiva futura, que é muito ruim para o Planeta", disse.

O meteorologista Luiz Carlos Molion, da UFAL (Universidade Federal de Alagoas), no entanto, vê com mais cautela o fenômeno do aquecimento global. Segundo ele, não é possível afirmar que as temperaturas estão subindo por consequência da ação humana, mas sim por conta do movimento cíclico da Terra.

"Houve um aquecimento global mais recente, entre 1977 até 2005, mas não foi produzido pelas atividades humanas, e sim por uma redução da cobertura de nuvem global", destaca.

nd+
Leia mais em
NDmais.com.br

O pescador que vê a praia diminuir

No inverno, durante a temporada da tainha, a rotina de Walnei Ailton Cardoso começa cedo. Antes do sol nascer, perto das 5h, ele levanta da cama e faz o mesmo caminho. Na escuridão das madrugadas geladas entre maio e agosto, seu Nei – como gosta de ser chamado – atravessa a praia da Daniela e vai a pé até a praia do Forte, no Norte da Ilha de Santa Catarina. Lá, pega o barco e adentra a imensidão do mar.

Durante os 44 anos de vida, um dos fatos que tem chamado a atenção de seu Nei é como o mar avança. Ao longo dos anos, ele viu a faixa de areia da Daniela diminuir, assim como aumenta seu medo de que o “mar tome conta de tudo, até mesmo das casas”.

Daqui a 30 anos, a praia de seu Nei pode, de fato, ser “engolida” pelo mar. É o que afirma estudo da ONG Climate Central citado na Conferência sobre Mudanças Climáticas da Organização das Nações Unidas – a COP25 –, que ocorreu neste mês em Madri, na Espanha.

O estudo, usado como pano de fundo da reportagem do ND, revela que além da faixa de areia, logradouros, ruas e a avenida principal da Daniela sofrerão constantes inundações a partir de 2050.

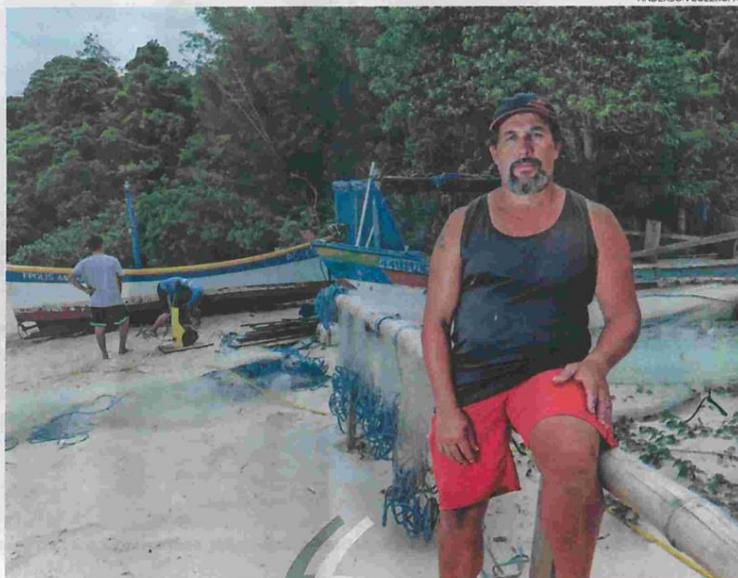
A praia da Ponta, localidade que reserva lindas paisagens e onde só se chega após caminhada de 20 minutos do centrinho, será completamente afetada, conforme o

prognóstico. Com a faixa de areia já reduzida em vários pontos, a praia é quase toda protegida por vegetação. Ao longo da orla, no entanto, algumas casas foram construídas em cima da restinga – que, segundo o pescador, está ali para proteger que o mar não avance, e não para se “tomar quintal de casas”.

Além da Daniela, outras áreas de Florianópolis podem ser impactadas pelo aumento do nível do mar. Ponta das Canas, Praia Brava, Ingleses, Jurerê Tradicional, Costeira

do Pirajubaé, Tapera, Ribeirão da Ilha, Solidão e Naufragados também aparecem sob risco, segundo o relatório.

Apesar de ser uma das áreas mais afetadas segundo o prognóstico da Climate Central, a Daniela ainda não possui projetos para tentar frear o avanço do mar. Segundo a Secretaria Municipal de Infraestrutura, há projetos consolidados somente para Ingleses e Jurerê Tradicional, além da execução de alargamento da faixa de areia da praia de Canasvieiras. **(Caroline Borges)**



Walnei Ailton Cardoso é pescador e acompanha o avanço das águas nas praias da Capital

Construções irregulares e a maré alta

Para tentar frear as construções irregulares, a Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano mantém um plantão de fiscalização de obras, que a população pode contribuir com denúncias.

Após receber as informações, a prefeitura tem até três dias úteis para averiguar o processo e realizar a fiscalização. O retorno acontece no máximo em cinco dias úteis, conforme a pasta. Outra iniciativa firmada pelo Executivo da Capital, em agosto deste ano, é um sistema

tecnológico com sobrevoo feito por drones, que identifica construções em locais proibidos. A inteligência artificial gera imagens aéreas para mapear a real situação da cidade.

Diretor da Defesa Civil municipal, Luiz Eduardo Machado avalia que, além das enchentes, o crescimento desordenado da cidade aumenta os impactos da maré alta. Para 2020, Florianópolis terá um plano de contingenciamento. Segundo a prefeitura haverá intervenções nas áreas que sofrem com o problema. Avenida da Saudade, na região central, e ruas no Rio Tavares, Coqueiros e Centro serão avaliadas.

Quando isso acontecer, eu vou realmente precisar arrumar outro trabalho na cidade, pois não vai ter rancho de pescadores e vai ser mais difícil pescar

Walnei Ailton Cardoso

Marina da Beira-Mar já tem estudo sobre novo cenário

Na região central de Florianópolis, a construção do Parque Urbano e Marina da Beira-Mar, entregue para captação de empresas interessadas em novembro passado, já possui estudos de variação de nível da água. No projeto, dados históricos de aumento das marés na região, informações sobre hidrografia e geofísica também foram levados em conta no edital. A previsão é de que a obra seja iniciada em 2021.

Já virou rotina em Florianópolis

Assim como os temporais rápidos e devastadores nos dias quentes de verão, ou do vento sul que ‘encana’, a maré alta é um fenômeno conhecido de quem mora na Ilha e parte do Continente.

Para Érica Xavier de Oliveira, 60 anos, moradora do Ratonés e presidente da Associação de Moradores do bairro, as inundações provocadas pelas cheias são “rotina” no bairro.

Na localidade em que mora, logo atrás do Rio Ratonés, quando chove muito ou há o fenômeno da maré alta, o quintal de sua casa fica inundado. “A água por pouco não entrou na minha casa, mas todo o quintal ficou completamente alagado”, conta Érica ao lembrar episódio de 2018, quando a Capital chegou a decretar situação de emergência.

Naquele ano, a cidade teve prejuízos de mais de R\$ 4 milhões com o avanço das águas. Segundo a Defesa Civil municipal, os maiores danos foram registrados em Canasvieiras, Ratonés, Ingleses, Praia Brava, Matadeiro e Morro das Pedras.

Conforme a previsão da Climate Central, fenômenos extremos devem ocorrer com mais frequência nas próximas décadas. Além disso, a destruição de áreas de restinga e construções em terrenos irregulares e de preservação, também auxiliam para que as ocorrências sejam mais agressivas.

A oceanógrafa e professora da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) Regina Rodrigues também é enfática quando o assunto é o desmatamento de áreas costeiras. Segundo a especialista, zonas úmidas como manguezais ajudam a dar estabilidade ao clima e protegem as cidades da maré alta e erosão. Com a ausência desses territórios, “os impactos serão severos”.



Érica Xavier de Oliveira já sofreu com a maré alta

ANDERSON COELHO/ND

Notícias do Dia
Divirta-se +
"As memórias de Henrique Paraíso"

As memórias de Henrique Paraíso / Médico Cirurgião / Henrique Manoel Prisco Paraíso / Faculdade de Medicina

"Pensei, Disse e Escrevi" traz trajetória do médico baiano de 92 anos que elegeu SC para seu legado

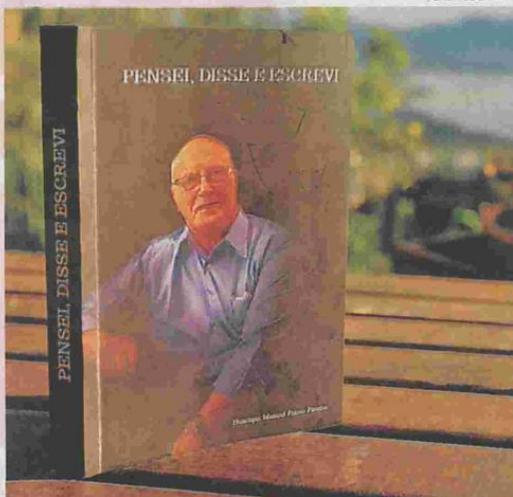
As memórias de Henrique Paraíso

GABRIEL LAIN/ND

Sétimo livro do médico cirurgião Henrique Manoel Prisco Paraíso, 92 anos, "Pensei, Disse e Escrevi" reúne discursos, palestras, intervenções políticas, comentários e aforismos publicados pelo autor durante a atividade profissional iniciada na década de 1950. Os textos retratam a trajetória deste que é um dos três fundadores da Faculdade de Medicina e ex-secretário de Estado da Saúde do governo Colombo Machado Salles.

Henrique Manoel Prisco Paraíso nasceu em Salvador, na Bahia, e passou pelo Rio de Janeiro, antes de desembarcar em Santa Catarina, em 1954, e se encantar pela beleza da tijuca Nadyr Galotti, então com 24 anos. Na Capital, trabalhou como médico cirurgião nos hospitais de Caridade e Celso Ramos e na Casa de Saúde São Sebastião, e integrou a comissão organizadora da Faculdade de Medicina de Santa Catarina.

Professor titular de técnica operatória e coordenador do curso de medicina, Henrique também exerceu a presidência da ACM (Associação Catarinense de Medicina), e assumiu o cargo de secretário Estadual



Prisco Paraíso transformou antigo hábito de fazer anotações em livro

de Saúde entre 1971 a 1975. Os textos são fragmentos da ativa participação de Henrique nas mais diversas frentes de trabalho, como destaca o jornalista e filho, José Claudio Prisco Paraíso, na apresentação da obra.

PARCEIRO LITERÁRIO

O prefácio, escrito pelo neto e parceiro literário, Rodrigo Meyer Prisco Paraíso, também revela que a obra completa uma tríade temática, formada pela arte (literatura), família e medicina (prática médica e política pública). O autor só começou a escrever após a aposentadoria, com livros de

narrativas, contos e poemas e de genealogia, até lançar essa coletânea. "É um livro familiar, feito para amigos e familiares consultarem quando quiserem rememorar", explica Henrique, que sempre teve cuidado de guardar anotações e textos para aproveitamento futuro.

Além de discursos, textos científicos, palestras e homenagens, a obra também lista frases marcantes de personalidades que ficaram guardadas na memória do autor graças ao antigo hábito de anotar tudo o que acha interessante. "Até hoje anoto tudo, mas estou me inserindo no meio digital com o Ipad", afirma o escritor.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

21/12/2019

[Questões comentadas da banca IBFC – TRE-PA e EBSEH](#)

[Entrevista com Udo: rio Mathias, buracos, MDB e PSL, Moisés, ponte e futuro de Joinville](#)

[Pesquisador Celso Moretti é confirmado na presidência da Embrapa](#)

[Primeiro satélite da UFSC é lançado ao espaço por foguete chinês](#)

[Alunos do IFSC e da UFSC ganham prêmio internacional](#)

["Balburdia": UFSC lança seu primeiro satélite, o FloripaSat-1](#)

[Diploma será Digital para agilizar a emissão e redução dos custos do Mec](#)

[Ponte Hercílio Luz pode virar Patrimônio da Humanidade](#)

[Vídeo: veja o lançamento do satélite da UFSC, na China](#)

[Universidade pública de Santa Catarina lança satélite com sucesso a partir de base da China](#)

[Alunos do IFSC e da UFSC ganham prêmio internacional por projeto de casa sustentável](#)

22/12/2019

[Modelo catarinense de ressocialização de presos termina o ano como referência nacional](#)

[Celso Moretti é confirmado na presidência da Embrapa](#)

[Modelo catarinense de ressocialização de presos termina o ano como referência nacional](#)

[Mega-Sena acumula](#)